CRUZ E SOUZA

ULTIMOS SONETOS

A-1

Nestor Wilson

Piedade

O coração de todo o ser humano
Foi concebido para ter piedade,
Para olhar e sentir com caridade
Ficar mais doce o eterno desengano.

Para da vida em cada rude oceano
Arrojar, através da immensidade,
Fáchos de salvação, de suavidade,
De consolo e de affecto soberano.

Ai! Que não ter um coração profundo
E' os olhos fechar á dor do mundo,
Ficar inutil nos amargos trilhos.

E' como se o meu ser compadecido
Não tivésse um soluço commovido
Para sentir e para amar meus filhos!

Cruz e Sousa.

2

Caminho da Gloria

Este caminho é côr de rosa e é de ouro,
Estranhos rosseiraes n'elle floréscem,
Folhas augustas, nobres reverdécem
De acanthho, myrto e sempiterno louro.

Neste caminho encontra-se o thesouro
Pelo qual tantas almas estremécem;
E' por aqui que tantas almas déscem
Ao divino e fremente sorvedouro.

E' por aqui que passam meditando,
Que cruzam, déscem, tremulos, sonhando,
Neste celeste, limpido caminho

Os seres virginaes que vem da Terra,
Ensanguentados da tremenda guerra,
Embebedados do sinistro vinho.

Cruz e Sousa.

Presa do ódio

Da tu'alma na funda galeria
Descendo ás veses, ou ás veses sinto
Que como o mais feroz lobo faminto
Teu ódio baixo de alcateia espia.

Do desespero a noite cava e fria,
De bohemias vis o pérfido absynthio
Sor no teu ser um negro labyrintho,
Desencadeou sinistra ventania.

Desencadeou a ventania rouca,
Surda, tremenda, desvairada, louca,
Que a tu'alma abalou de lado a lado.

Que te inflammou de coleras supremas
E deixou-te nas tragicas algemas
Do teu ódio sanguento ~~accorrentado~~!

Cruz e Sousa.

Allucinação

O' solidão do Mar, ó amargôr das vagas,
Ondas em convulsões, ondas em rebellia,
Desespero do Mar, furiosa ventania,
Bocca em fél dos tritões engasgada de pragas.

Velhas chagas do sol, ensanguentadas chagas
De occasos purpurinos de atroz melancholia,
Luas tristes, fataes, da atra mudez sombria
De tragica ruina em vastidões preságas.

Para onde tudo vae, para onde tudo vôa,
Submido, confundido, esborôado, atôa,
No chaós tremendo e núi dos tempos á rolar?

Que Nirvana genial ha de engolir tudo isto -
- Mundos de Inferno e céo, de Judas e de Christo,
Luas, chagas do sol e turbilhões do Mar?!

Cruz e Sousa.

d

5-

Vida obscura

Ninguem sentio o teu espasmo obscuro,
O' Ser humilde entre os humildes sêres.
Embriagado, tôuto dos prazeres
O mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste n'um silencio escuro
A vida presa a tragicos deveres
E chegaste ao saber de altos saberes
Tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguem te vio o sentimento inquieto,
Magoado, occulto e aterrador, secreto,
Que o coração te atravessou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos
Sei que o teu inferno prendeu-te os braços
E o teu suspiro como foi profundo!

Cruz e Sousa.

Conciliação

Se essa angustia de amar te crucifica
Não és tida Dor um simples fugitivo:
Ella marcou-te com o sinete vivo
Da sua estranha magestade rica.

É sempre o Assignalado ideal que fica
Sorrindo e contemplando o céo altivo;
Dos Compassivos és o Compassivo,
Na Transfiguração que glorifica.

Nunca mais de tremer terás direito...
Da Natureza todo o Amor perfeito
Adorarás, venerarás contricto.

Ah! Basta encher, eternamente basta
Encher, encher toda esta Esphéra vasta
Da convulsão do teu soluço afflicto!

Cruz e Sousa.

Gloria!

Florescimentos e florescimentos!
Gloria ás estrellas, gloria ás aves, gloria
A' natureza! Sue a minh'alma flórea
Em mais flores flori de sentimentos.

Gloria ao Deus invisivel dos nevoentos
Espaços! gloria á lua merencórea,
Gloria á esphéra dos sonhos, á illusória
Esphéra dos profundos pensamentos.

Gloria ao céo, gloria á terra, gloria ao mundo!
Todo o meu ser é roseiral fecundo
De grandes rosas de divino brilho.

Almas que floreceis no Amor eterno!
Vinde gosar commigo este phalerno,
Esta emoção de ser nascer um filho!

Cruz e Sousa.

8

A Perfeição

A Perfeição é a celeste sciencia
Da crystalisação de almos encantos,
De abandonar os mórbidos quebrantos
E viver de uma occulta florescencia.

Nos'alma fica da clarevidencia
Dos astros e dos anjos e dos santos,
Fica lavada na lustral dos prantos,
E' dos prantos divina e pura essencia.

Nos'alma fica como o ser que ás lutas
As mãos conserva limpas, impolluctas,
Sem as manchas do sanguenhão da guerra.

A Perfeição é a alma estar sonhando
Em soluços, soluços, soluçando
As agonias que encontrou na Terra!

Cruz e Sousa.

16

9

Madona da Tristeza

Quando te escuto e te ólho reverente
E sinto a tua graça triste e bella
De ave medrosa, tímida, singélla,
Fico a scysmar enternecidamente.

Tua voz, teu olhar, teu ar dolente
Toda a delicadeza ideal revélla
E de sonhos e lagrimas estrélla
O meu ser commovido e penitente.

Com que mágoa te adóro e te contemplo
O' da Piedade soberano exemplo,
Flor divina e secréta da Bellera.

Os meus soluços enchem os espaços
Quando te apéro nos estreitos braços,
Solitaria madona da Tristeza!

Cruz e Sousa.

De alma em alma

Tu andas de alma em alma, errando, errando,
Como de santuario em santuario.
És o secréto e mystico templario
As almas, em silencio, contemplando.

Não sei que de harpas ha em ti vibrando,
Que sons de peregrino estradivário
Que lembras reverencias de sacrario
E de vózes celestes murmurando.

Mas sei que de alma em alma andas perdido
Atraz de um bello mundo indefinido
De Silencio, de Amor, de Maravilha.

Vae! Sonhador das nobres reverencias!
A alma da Fé tem d'essas florescencias,
Mesmo da Morte resuscita e brilha!

Cruz e Sousa.

11

Ironia de lagrimas

Junto da Morte é que floresce a Vida!
Andamos rindo junto á sepultura.
A bocca aberta, escancarada, escura
Da cóva é como flor apodrecida.

A Morte lembra a estranha Margarida
Do nosso corpo, Fausto sem ventura...
Ella anda em torno a toda a creatura
N'uma dansa macabra indefinida.

Vem revestida em suas negras sêdas
E a martelladas lugubres e tredas
Das Illusões o eterno esquife prega.

Por esses caminhos vãos, mundos risonhos!
Lá vem a loba que devóra os sonhos,
Faminta, absconsa, imponderada, cega!

Cruz e Sousa

O grande Momento

Inicia-te, enfim, Alma imprevista,
Entra no seio dos Iniciados.
Esperam-te de luz maravilhados
Os Dons que vão te consagrar Artista.

Toda uma Esphéra te deslumbra a vista,
Os activos sentidos requintados.
Céos e mais céos e céos transfigurados
Abrem-te as portas da immortal Conquista.

Eis o grande Momento prodigioso
Para entrares sereno e magestoso
Num mundo estranho d'esplendor sidéreo.

Borboleta de sol, surge da tesma...
Oh! vae, entra na Pósse de ti mesma,
Québra os sêllos augustos do Mysterio!

Cruz e Sousa.

13

Prodigio!

Como o Rei Lear não sentes a tormenta
Que te desaba na fatal cabeça!
(Que o céo d'estrellas todo resplandeça).
A tua alma, na Dor, mais nobre augmenta.

A Desventura mais sanguinolenta
Sobre os teus hombros impiedosa desça,
Seja a treva mais funda e mais espêssa,
Todo o teu ser em musicas rebenta.

Em musicas e em flores infinitas
De aromas e de fórmas exquisitas
E de um mysterio singular, nevoento...

Ah! só da Dor o alto pharol supremo
Consegue illuminar, de extremo a extremo,
Este estranho mar genial do Sentimento!

Cruz e Sousa.

Cogitação

Ah! mas então tudo será baldado?!
Tudo desfeito e tudo consumido?!
No Ergástulo d'ergástulos perdido
Tanto desejo e sonho soluçado?!

Tudo se abysmará desesperado,
Do desespero do Viver batido,
Na convulsão de um unico Gemido
Nas entranhas da Terra concentrado?!

Nas aspirações tremendas dos suspiros
A alma congelará nos grandes gyros,
Rastejará e rugirá rolabaldo?!

Ou entre estranhas sensações sombrias,
Melancholias e melancholias,
No cipo da alma de Hamlet reá gyrando?!

Cruz e Sousa.

28

Grandeza occulta

Estes vão para as guerras inclementes,
Os absurdos heróes sanguinolentos,
Alvoroçados, tontos e sedentos
Do clamôr e dos échos estridentes.

Aquelles para os frivolos e ardentes
Prazeres de acres inebriamentos:
Vinhos, mulheres, arrebatamentos
De luxurias carnaes, impenitentes.

Mas Tu, que na alma a immensidade féchas,
Que absorviste com teu Genio fundas brêchas
No mundo vil onde a maldade esculta

O' delicado espirito de Lendas!
Fica nas tuas Graças estupendas,
No sentimento da grandeza occulta!

Cruz e Sousa.

16

Voz fugitiva

Ás vezes na tu'alma que adormece
Tanto e tão fundo, alguma voz escuto
De timbre emocional, claro, impolluto
Que uma voz bem amiga me parece.

E fico mudo a ouvil-a como a prece
De um meigo coração que está de luto
E livre, já, de todo o mal corrupto,
Mesmo das affrontas mais crueis esquece.

Mas outras vezes, sempre em vão, procuro
Dessa voz singular o timbre puro,
As essencias do céo maravilhosas.

Procuro ancioso, inquiéto, alvoroçado
Mas tudo na tu'alma está calado,
No silencio fatal das nebulosas!

Cruz e Sousa.

Quando será?!

Quando será que tantas almas duras
Em tudo, já libértas, já lavadas
Nas aguas immortaes, illuminadas
Do sol do Amor, hão de ficar bem puras?

Quando será que as limpidas fresçuras
Dos claros rios de ondas estrelladas
Dos céos do Bem, hão de deixar clareadas
Almas vis, almas vans, almas escuras?

Quando será que toda a vasta Esphéra,
Toda esta constellada e azul Chimera,
Todo este firmamento estranho e mudo

Tudo que nos abraça e nos esmaga
Quando será que uma resposta vaga
Mas tremenda, hão de dar de tudo, tudo?!

Cruz e Sousa.

Immortal attitude

Abre os olhos á Vida e fica mudo!
Oh! Basta crêr indefinidamente
Para ficar illuminado tudo
De uma luz immortal e transcendente.

Crêr é sentir, como secréto escudo,
A alma risonha, lucida, vidente...
E abandonar o sujo deus cornúdo,
O sátyro da Carne impenitente.

Abandonar os languidos rugidos,
O infinito gemido dos gemidos
Que vae no lodo a carne chafurdando.

Erguer os olhos, levantar os braços
Para o eterno Silencio dos Espaços
E no Silencio emmudecer olhando...

Cruz e Sousa.

19

Livre!

Livre! Ser livre da materia escrava,
Arrancar os grilhões que nos flagéllam
E livre, pesdetrar nos Dous que séllam
A alma e lhe empréstam toda a etherea lava.

Livre da humana, da terrestre bava
Dos corações damninhos que regéllam,
Quando os nossos sentidos se rebéllam
Contra a Infamia bifronte que deprava.

Livre! bem livre para andar mais puro,
Mais junto á Natureza e mais seguro
Do seu Amor, de todas as Justiças.

Livre! para sentir a Natureza,
Para gozar, na universal Grandeza,
Fecundas e archangélicas preguiças.

Cruz e Sousa.

Cárcere das almas

Ah! Toda a alma n'um carcere anda presa,
Soluçando nas trévas, entre as grades
Do calabouço olhando immensidades,
Mares, estrellas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e sonhando, as immortalidades
Rasga no aethéreo espaço da Pureza.

O almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossaes e abandonadas,
Da Dor no calabouço atroz, funéreo!

Nesses silencios solitarios, graves,
Que chaveiro do céo possue as chaves
Para abrir-vos as portas do Mysterio?!

Cruz e Sousa.

21

Supremo Verbo

Vae, Peregrino do caminho santo,
Far da tu'alma lampada do cégo,
Illuminando, prégo sobre prégo,
As invizivéis amplidões do Pranto.

Bebe-o, do Amor o calix sacrosanto!
Bebe-o, feliz, nas tuas mãos o entrégo...
Es o filho leal, que eu não renégo,
Que defendo nas dóbras do meu manto.

Assim ao Poeta a Natureza falla!
Enquanto elle estremece ao escutal-a,
Transfigurado de emoção, sorrindo...

Sorrindo a céus que vão se desvendando,
A mundos que se vão multiplicando,
A portas de ouro que se vão abrindo!

Cruz e Sousa.

22

Vão Arrebatamento

Partes um dia das curiosidades
Do teu ser singular, partes em busca
De almas irmãs, cujo esplendor offusca
Os celestes, divinas claridades.

Rasgas terras e céus, immensidades,
Dos perigos da Vida a vaga busca,
Queima-te o sol que na atmosphera crusca
E consóla-te a lua das saudades.

Indas por toda a parte, em toda a parte
A seducção das almas a fallar-te,
Como [redacted] da Terra luminosos marcos.

E a sorrir e a gemer e soluçando
Ah! Sempre em busca de almas vaes andando
Mas em vez d'ellas encontrando charcos!

Cruz e Sousa.

Benditas cadeias!

Quando vou pela Rua arrebatado,
Escravo dos mais puros sentimentos
Lévo secretos estremecimentos
Como quem entra em mágico Noivado.

Cérca-me o mundo mais transfigurado
Nesses subtis e candidos momentos...
Meus olhos, minha bocca vão sedentos
De luz, todo o meu ser illuminado.

Fico feliz por me sentir escravo
De um Encanto maior entre os Encantos,
Livre, na Culpa, do mais leve travo.

De ver minh'alma com taes sonhos, tantos
É que por fim me purifico e lavo
Na agua do mais consolador dos prantos!

Cruz e Sousa.

Unico remédio

Como a chamma que sóbe e que se apaga
Sóbem as vidas da espiral do Inferno.
O desespero é como o fogo eterno
Que o charco quieto em convulsões alaga...

Tudo é veneno, tudo cardo e praga!
E as almas que tem sêde de phallérno
Apenas bebem o licôr moderno
Do tédio pessimista que as esmaga.

Mas a Caveira vem se approximando,
Vem epótica e núa, vem dansando,
No estrambotismo lugubre vem vindo.

E tudo acaba então no horrôr insano—
—Desespero do Inferno e tédio humano—
Suado, d'espadilha, a Morte, surge, rindo...

Cruz e Sousa.

25

Florésce!

Florésce, vive para a Natureza,
Para o Amor imortal, largo e profundo.
O Bem supremo de esquecer o mundo
Reside nessa limpida grandeza.

Florésce para a Fé, para a Belleza
Da Luz que é como um vasto mar sem fundo,
Amplo, inflammado, mágico, fecundo,
De ondas de resplendor e de pureza.

Andas em vão na Terra, apodrecendo
A tôa pelas trévas, esquecendo
A Natureza e os seus aspectos calmos.

Diante da luz que a Natureza encérra
Andas a apodrecer por sobre a Terra,
Antes de apodrecer nos sete palmos!

Cruz e Sousa.

Deus do Mal

Espirito do Mal, ó deus perverso
Que tantas almas dubias acalentas,
Veneno tentador na luz dispérso
Que a propria luz e a propria sombra tentas

Symbolo atroz das culpas do Universo,
Espelho fiél das convulsões violentas
Do gasto coração no lodo immerso
Das tormentas vulcanicas, sanguentas.

Toda a tua sinistra trajectoria
Tem um brilho de lagrima illusória,
As melodias mórbidas do Inferno...

Es Mal, mas sendo Mal és soluçante,
Tem a graça divina e consolante,
Réprobo estranho do Perdão eterno!

Luiz e Souza.

A harpa

Prende, arrebata, enléva, attráe, consólla
A harpa tangida por convulsos dêdos,
Vivem n'ella mysterios e segrêdos,
É berceuse, é balladá, é barcarolla.

Harmonia nervosa que desóla,
Vento nocturno d'entre os arvoredos
Perquer phantasmas e secrétos medos,
Nas suas córdas um soluço vóla...

Vil'alma é como esta harpa peregrina
Que tem sabôr de musica divina
E só pelos eleitos é tangida.

Harpa dos céos que pelos céos murmura
E que enche os réos da musica mais pura
Como de uma saudade indefinida.

Cruz e Sousa.

54

Almas indecisas...

Almas anciosas, trémulas, inquiétas,
Fugitivas abelhas delicadas
Das colmeias de luz das alvoradas,
Almas de melancólicos poétas..

Que dor fatal é que emoções secrétas
Vos tornam sempre assim desconsoladas,
Na purgencia de todas as espadas,
Na dolencia de todos os asc étas?!

Nessa esphéra em que andais, sempre indecisa,
Que tormento cruel vos mirvanisa,
Que agonias titanicas são éssas?!

Porque não vindes, Almas imprevistas,
Para a missão das limpidas Conquistas
E das augustas, immortaes Promessas?!

Cruz e Sousa.

~~Celeste abrigo~~ Abrigo celeste

Estrella triste a reflectir na lama,
Raio de luz a scintillar na poeira
Tens a graça subtil e feiticeira,
A doçura das curvas e da chamma.

Do teu olhar um fluido se derrama
De tão suave, candida maneira
Que és a sagrada fronha alviçareira
Que para o Amor toda a minh'alma chama.

Meu ser anceia por teu doce apoio,
Nos outros seres só encontra joio
Mas só no teu todo o divino brigo.

Sou como um cégo sem bordão de arrimo
Que do teu ser, tacteando, me aproximo
Como de um céo de carinhoso abrigo.

Cruz e Sousa

30

Mulher perversa

Que mulher infernal teus labios sêrra
Que ficas vago, para mim olhando,
Na attitude da fedra, concentrando
No entanto, n'alma, convulsões de guerra!

A mim tal fél essa mulher encérra,
Vaes demonios revéis a estão forjando
Que antes te visse morto, desabando
Sobre o teu corpo grossas pás de terra.

Não te quisera nesse atroz e summo
Mutismo horrivel que não géra nada,
Que não diz nada, não tem fundo e rumo.

Mutismo de tal dôr desesperada,
Que quando o vou medir com o estranho prumo
Da alma fico com a alma allucinada!"

Cruz e Sousa.

Coração confiante

O coração que sente vae sósinho,
Arrebatado, sem pavôr, sem medo...
Léva dentro de si raro segredo
Que lhe sérve de guia no caminho.

Vae no alvoroço, no celeste vinho
Dos bosques accordando cêdo,
Quando de cada trémulo arvoredo
Parte sonóro e matinal carinho.

E o coração vae nobre e vae confiante,
Festivo como a flammula radiante
Agitada bizarra pelos ventos...

Vae palpitando, ardente, emocionado
O velho coração arrebatado,
Preso por loucos arrebatamentos!

Cruz e Sousa.

B 2

Espirito Immortal

Espirito immortal que me fecundas
Com a chamma dos vêrs enthusiasmos,
Que transformas em gladios os sarcasmos
Para punir as multidões profundas!

O' alma que transbórdas, que me inundas
De brilhos, de echos, de emoções, de fasmos
E fazes accordar de atros marasmos
Minh'alma, em tédios por charnéças fundas.

Força genial e sacrosanta e augusta,
Divino Alêita para o Esquecimento,
Vós companheira, carinhosa e justa.

Vens minha Mão, n'um doce movimento,
Sobre essa Mão angélica e robusta,
Espirito immortal do Sentimento!

Cruz e Sousa.

Crê!

Vê como a Dor te transcendentalisa!
Mas do fundo da Dor crê nobremente.
Transfigura o teu ser na força crente
Que tudo torna bello e divinisa.

Que seja a Crença uma celeste brisa
Inflando as vélas dos bateis do Oriente
Do teu Sonho supremo, omnipotente,
Que nos astros do céo se crystalisa.

Tua alma e coração fiquem mais graves,
Illuminados por carinhos suaves,
Na doçura immortal sorrindo e crêndo...

Oh! crê! Toda a alma humana necessita
De uma bosphéra de canticos, bendita,
Para andar crendo e para andar gemendo!

Cruz e Sousa.

34

Alma fatigada

Nem dormir nem morrer na fria Eternidade!
Mas repousar um pouco e repousar um tanto,
Os olhos enxugar das convulsões do pranto,
Enxugar e sentir a ideal serenidade.

A graça do consolo e da tranquillidade.
De um ninho de carinhoso e perfumado encanto,
Mas sem nenhum carnal e mórbido quebranto,
Sem o tédio senil da vã perpetuidade.

Um sonho lyrial d'estrellas desoladas
Onde as almas febris, exhaustas, fatigadas
Sósam se recordar e repousar tranquillas!

Um descanso de Amor, de celestes miragens,
Onde em gôze outra luz de mysticas paysagens
E nunca mais pressinta o rebuscher de fadigas!

Cruz e Souza.

35-

Flor nirvanisada

O' cégos corações, surdos ouvidos,
Bôccas inuteis, sem clamôr, fechadas,
Almas para os mysterios d'apagadas,
Sem segredos, sem écho e sem gemidos.

Consciencias hirsutas de bandidos,
Vêsgas, nefandas e desmanteladas,
Portas de ferro, com furor trancadas,
Dos ócios máos hystéricos Vencidos.

Desenterrai-vos das sangrentas furnas
Sinistras, cabalisticas, nocturnas
Onde ruge o Seccado caudaloso...

Fazei da Dor, do triste Goso humano,
A Flor do Sentimento soberano,
A Flor nirvanisada de outro Goso!

Cruz e Sousa.

68

Felis!

Ser de belleza, de melancholia,
Espirito de graça e de quebranto,
Deos te bemdiga o dolorosso pranto,
Enxugue as tuas lagrimas/ um dia.

Se a tu'alma é d'estrella e d'harmonia,
Se o que vem d'ella tem divino encanto,
Deos a proteja no sagrado manto,
No céo, que é o valle azul da Nostalgia.

Deos a proteja na Felicidade
Do sonho, do mysterio, da saudade,
De canticos, de aroma e lus ardente.

E sê felis e sê felis subindo,
Subindo, a Perfeição na alma sentindo
Florir e alvorescer libertamente!

Cruz e Sousa.

Cruzada nova

Vamos saber das almas os segrêdos,
Os circulos pathéticos da Vida,
Dar-lhes a luz do Amor compadecida
E deffendêl-as dos secrétos medos.

Vamos fazer dos áridos rochedos
Manar a agua lustral e apetecida,
Pelos anciosos corações bebida
No silencio e na sombra d'arvoredos.

Essas irmãs furtivas das estrellas,
Se não fôrmos depressa deffendêlas,
Morrerão sem encanto e sem carinho.

Paladinos da limpida Cruzada!
Conquistemos, sem lança e sem espada,
As almas que encontrármos no Caminho.

Cruz e Sousa.

O Soneto

Nas fórmas voluptuosas o Soneto
Tem fascinante, cálida fragrancia
E as leves, langues curvas de elegancia
De extravagante e mórbido esqueleto.

A graça nobre e grave do quarteto
Recébe a rigidez intolerancia,
Toda a subtil, secréta extravagancia
Que transbórda terceto por terceto.

E como um singular polichinéllo
Ondula, ondeia, curioso e bello,
O Soneto, nas fórmas caprichósas.

As rimas dão-lhe a purpura vetusta
E na mais rara procissão augusta
Surge o Sonho das almas dolorosas...

Cruz e Souza.

7 11

Fógos fátuos

Ha certas almas vans, galvanisadas
De emoção, de pureza, de bondade,
Que como toda a azul immensidade
Chegam a ser de subito estrelladas.

E ficam como que transfiguradas
Por momentos, na vaga suavidade
De quem se eléva com serenidade
Ás risonhas, celestes madrugadas.

Mas nada ás vezes n'ellas esvaphorde
Ao sonho e ninguem sabe mais por onde
Anda essa falsa e fugitiva chamma..

E' que no fundo, na secréta essencia,
Essas almas de triste decadencia
São lama sempre e sempre serão lama.

Cruz e Sousa.

Mundo inaccessivel

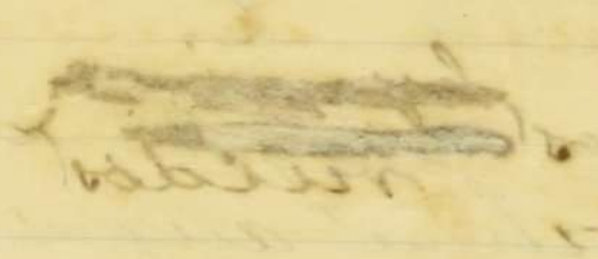
Tú'alma lembra um mundo inaccessivel
Onde só astros e aguias vão fairando,
Onde se escuta, tragica, cantando,
A symphonia da Amplidão terrivel!

Alma nenhuma, que não fôr sensivel,
Que asas não tenha para ahi vibrando,
Essa Região secréta desvendando,
Falléce, morre, n'um favôr inerivel!

É' preciso ter asas e ter garras
Para attingir dos [illegible] vividos
O mundo da tú'alma augusta e fórte.

É' preciso subir ignéas montanhas
E emmudecer, entre visões estranhas,
Num sentimento mais subtil que a Morte!

Cruz e Sousa.



Consolo amargo

Mortos e mortos, tudo vae passando,
Tudo pelos abysmos se sumindo...
Emquanto sobre a Terra ficam rindo
Uns e já outros, pállidos, chorando...

Todos vão tremulos finalizando,
Para os gelados tumulos partindo,
Descendo ao tremedal eterno, infindo,
Mortos e mortos, n'um sinistro bando.

Tudo passa espectral e doloroso,
Pulverulentamente nebuloso,
Como n'um sonho, n'um fatal lethargo...

Mas, de quem chóra os mortos, entretanto,
O Esquecimento vem e enxuga o pranto
E é esse apenas o consolo amargo!

Luiz e Souza.

80

Vinho negro

O vinho negro do immortal peccado
Envenenou nossas humanas veias
Como fascinações de atras sereias
De um inferno sinistro e perfumado.

O sangue canta, o sol maravilhado
No nosso corpo, em ondas fartas, cheias.
Como que quér rasgar essas cadeias
Em que a carne o retem acorrentado.

E o sangue chama o vinho negro e quente
Do peccado lethal, impenitente,
O vinho negro do peccado inquiéto.

E tudo nesse vinho mais se apura,
Ganha outra graça, fórma e formosura,
Grave belleza d'esplendor secréto.

Cruz e Sousa.

Eternos atalaias

Os sentimentos sérvem de atalaias
Para guiar as multidões errantes
Que fervilham tremendo, vacillantes
Pelas derivas, infinitas praias...

Abrangendo da Terra as fundas ráias,
Attingindo as esphéras mais distantes,
São como incensos, myrrhas odorantes,
Miraculosas, fúlgidas alfaias.

Tudo em que tócam logo transfiguram,
Encantam tudo, tudo em torno apuram,
Penétram, sem cessar, por toda a parte.

Alma por alma em toda a parte inflammam.
E grandes, largos, immortaes, doiram
Ás melancholicas estrellas d'Arte!

Cruz e Sousa.

Serante a Morte

Serante a Morte empallidéce e treme,
Treme serante a Morte, empallidéce.
Lovôa-te de lagrimas, esquéce
O Mal cruel que nos abysmos geme.

Ah! longe o Inferno que flammeja e freme,
Longe a Paixão que só no Horror floréce...
Stalma precisa de silencio e préce
Pois na préce e silencio nada teme.

Silencio e préce no fatal segredo,
Serante o pasmo do sombrio medo
Da Morte e os seus aspectos reverentes...

Silencio para o desespero insano,
O furor gigantesco e sobre-humano,
A dôr sinistra de ranger os dentes!

Cruz e Sousa.

O Assignalado

Tu és o louco da immortal loucura,
O louco da loucura mais suprêma.
A Terra é sempre a tua negra algêma,
Prende-te n'essa a extrema Desventura.

Mas essa mesma algêma de amargura,
Mas essa mesma Desventura extrema
Faz que tu'alma supplicando gêma
E rebente em estrellas de tortura.

Tu és o Poeta, o grande Assignalado
Que provôas o mundo despovoado,
De bellezas eternas, pouco a pouco...

Na Natureza prodigiosa e rica
Toda a audacia dos nêrvos justifica
Os teus espasmos immortaes de louco!

Cruz e Sousa.

Alma de tudo

Da gotta d'agua de um carinho agreste
Géram-se os occeanos da Bondade.
O coração que é livre e bom reveste
Tudo d'encanto e simples magestade.

Ascender para a Luz é ser celeste,
Novos astros sentir na immensidade
Da alma e ficar nessa inconsútil veste
Da divina e serena claridade.

O que é consolador e o que é supremo
Cada alma encontra no caminho extremo,
Quando attinge ás estrellas da pureza.

É' apenas trazer o Ser liberto
De tudo e transformar cada deserto
N'um sonho virginal da Natureza!

Cruz e Sousa.

90

Immortal Phalêrno

Quando as Esphéras da Illusão transponho
Vejo sempre tu'alma – essa galéra
Feita das rosas brancas da Chiméra,
Sempre a vagar no estranho mar do Sonho.

Nem aspecto nublado nem tristonho!
Sempre uma doce e constellada Esphéra,
Sempre uma voz clamando: – espéra, espéra,
Lá do fundo de um céo sempre risonho.

Sempre uma voz dos Ermos, das Distancias!
Sempre as longinquas, mágicas fragrancias
De uma voz immortal, divina, pura...

E tua bocca, Sonhador eterno,
Sempre sequiosa desse azul phalêrno
Da Esperança do céo que te procura!

Cruz e Sousa.

Asas abertas

As asas da minh'alma estão abertas!
Podes te agasalhar no meu carinho,
Abrigar-te de frios no meu Ninho
Com as tuas asas tremulas, incértas..

Tu'alma lembra vastidões desértas
Onde tudo é gelado e é só espinho.
Mas na minh'alma encontrarás o Vinho
E as graças todas do Conforto certas.

Vem! Ha em mim o eterno Amor immenso
Que vae tudo florindo e fecundando
E sóbe aos céos como sagrado incenso.

Eis a minh'alma, as asas palpitando
Como a saudade de agitado lenço
O segredo dos longes procurando...

Cruz e Sousa.

Velho

Estás morto, estás velho, estás cançado!
Como um sulco de lagrimas fundo
Eil-as, as rugas, as indefinidas
Noites do ser vencido e fatigado.

—

Envólve-te o crepusculo gelado
Que vae soturno amortalhando as vidas
Ante o responso em musicas gemidas
No fundo coração dilacerado.

—

A cabeça pendida de fadiga
Sentes a morte taciturna e amiga
Que os teus nervosos circulos governa.

———

Estás velho, estás morto! O' dôr, delyrio,
Alma despedaçada de martyrio,
—O' desespero da Desgraça eterna!

Cruz e Sousa.

Eternidade retrospectiva

Eu me recórdo de já ter vivido,
Mudo e só, por olympicas Esphéras,
Onde éra tudo velhas primavéras
E tudo um vago aroma indeffinido.

Fundas regiões do Santo e do Jenuido
Onde as almas mais graves, mais austéras
Erravam como tremulas chimféras
Num sentimento estranho e commovido.

As estrellas, longinquas e veladas,
Recordavam violaceas madrugadas,
Um clarão muito leve de saudade.

Eu me recórdo d'imaginativos
Luares lyricos, contemplativos
Por onde eu já vivi na Eternidade!

Cruz e Sousa.

Alma mater

Alma da Dor, do Amor e da Bondade,
Alma purificada no Infinito,
Santo Perdão de tudo o que é maldito,
Harpa consoladôra da Saudade!

Das estrellas serena virgindade,
Carinho dos rosaes do Azul bemdito,
Alma sem um soluço e sem um grito,
Da alta Resignação, da alta Piedade!

Tu, que as profundas lagrimas estancas
E sabes levantar Imagens brancas
No silencio e na sombra mais velada...

Derrama os lyrios, os teus lyrios castos,
Em jorrões immortaes, vastos e vastos,
No fundo da minh'alma lacerada!

Cruz e Sousa.

5-2

O Coração

O coração é a sagrada lyra
Onde o mysterio do sentir flammeja.
A vida da emoção elle a deseja
Como a harmonia as córdas de uma lyra.

Um anjo meigo e candido suspira
No coração e o purifica e beija ...
O que elle, o coração, aspira, almeja
É' sonho que de lagrimas delyra.

É' sempre sonho e tambem é piedade,
Doçura, compaixão e suavidade
E graça e bem, misericórdia pura.

Uma harmonia que dos anjos désce,
Que como estrella e flor e sobe floresce
Maravilhando toda a creatura!

Cruz e Sousa

107

Invulneravel

Quando dos carnavaes da raça humana
Forem caindo as mascaras grotescas
E as attitudes mais fundambulescas
Se desfizérem no feroz Nirvana.

Quando tudo ruir na fébre insana,
Nas vertigens bizarras, pittorescas
De um mundo de emoções carnavalescas
Que ri da Fé profunda e soberana.

Vendo passar a lugubre, funérea
Galeria sinistra da Miséria,
Com as mascaras do rosto descolladas.

Tu que és o deus, o deus invulneravel,
Resiste a tudo e fica formidavel,
No Silencio das noites estrelladas!

Cruz e Sousa.

Lyrio lutuoso

Essencia das essencias delicadas,
Meu perfumoso e tenebroso lyrio,
Oh! dá-me a gloria de celeste Empyreo
Da tu'alma nas sombras encantadas.

Subindo lento escadas por escadas,
Nas espiraes nervosas do Martyrio,
Das Ancias, da Vertigem, do Delyrio,
Vou em busca de mágicas estradas.

Acompanha-me sempre o teu perfume
Lyrio da Dor que o Mal e'o Bem resume,
Estrella negra, tenebroso fructo.

Oh! dá-me a gloria do teu ser nevoento
Para que eu póssa haurir o sentimento
Das lagrimas acérbas do teu luto!

Cruz e Sousa

5-3-

A grande Sêde

Se tens sêde de Sar e d'Esperança,
Se estás cégo de Dor e de Peccado,
Valha-te o Amor, ó grande abandonado,
Lucia a sêde com amor, descansa.

Volta-te a esta zona fresca e mansa
Do Amor e ficarás desaffogado,
Pas de ver tudo claro, illuminado
Da luz que uma alma que tem fé alcança.

O coração que é puro e que é contricto,
Se sabe ter doçura e ter dolencia
Revive nas estrellas do Infinito.

Revive, sim, fica immortal, na essencia
Dos Anjos paira, não dispende um grito
E fica, como os Anjos, na Existencia.

Cruz e Sousa.

107

56

Domus aurea

De bom amor e de bom fogo claro
Uma casa felir se acaricia...
Basta-lhe luz e basta-lhe harmonia
Para ella não ficar ao desamparo.

O Sentimento, quando é nobre e raro,
Veste tudo de candida poesia...
Um bem celestial d'elle irradia,
Um doce bem, que não é parco e avaro.

Um doce bem que se derrama em tudo,
Um segredo immortal, risonho e mudo,
Que nos léva debaixo da sua asa.

E os nossos olhos ficam rasos d'agua
Quando, rebentos de uma occulta mágoa,
São nossos filhos todo o céu da casa.

57

Um Ser

Um ser na placidez da Luz habita,
Entre os mysterios ineffaveis móra.
Sente florir nas lagrimas que chóra
A alma serena, celestial, bemdita.

Um ser pertence á musica infinita
Das Esphéras, pertence á luz sonóra
Das estrellas do Ceu e hora por hora
Da Natureza virginal palpita.

Um ser desdenha das fataes poeiras,
Dos miseraveis européis mundanos
E de todas as frivolas cegueiras ...

Elle passa, atravéssa entre os humanos,
Como a vida das vidas forasteiras
Fecundada nos proprios desenganos.

Cruz e Sousa.

112

5-8

O Grande Sonho

Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
Doloroso e profundo Sentimento!
Vae, vae nas harpas tremulas do vento
Chorar o teu mysterio tenebroso.

Sóbe dos astros ao clarão radioso,
Aos leves fluidos do luar nevoento,
Ás urnas de crystal do firmamento,
Ó velho Sonho amargo e magestoso!

Sóbe ás estrellas rútilas e frias,
Brancas e virginaes eucharistias
Donde uma luz de eterna paz escôa.

Nessa stupidez das stupidezes austeras
Chóra o Sonho profundo das Esphéras
Que nas azues Melancholia móra...

Cruz e Sousa.

1121

5-09

Condemnação fatal

O' mundo, que és o epilio dos epilios,
Um monturo de fézes putrefacto,
Onde o ser mais gentil, mais timorato
Dos seres vis circula nos concilios.

Onde de almas em fallidos idyllios
O languido perfume mais infecto
Ilaqueia tudo e é triste como o tacto
De um cégo em balde levantando os cilios.

Mundo de peste, de sanguenta furia
E de flores leprosas da luxuria,
De flores negras, infernaes, medonhas.

Oh! como são sinistramente feios
Teus aspectos de féra, os teus meneios
Pantheéricos, ó Mundo, que não sonhas!

Cruz e Sousa.

116

Alma ferida pelas negras lanças
Da desgraça, ferida do Destino,
Alma que as amarguras tecem hymno
Sombrio das crueis desesperanças

Não desças, Alma fria das heranças
Da Dôr, não desças do teu céo divino.
Scintilla como o espelho crystalino
Das sagradas, serenas esperanças.

Mesmo na Dôr espéra com clemencia
E sóbe ao ether resplandecencia,
Longe de um mundo que só tem peçonha.

Das ruinas de tudo ergue-te pura
E eternamente, na Suprema Altura,
Inspira, sóffre, ecsisma, sente, sonha!

Cruz e Souza.

Alma solitaria

O' Alma doce e triste e palpitante!
Que cytharas soluçam solitarias
Pelas Regiões longinquas, visionarias
Do teu Sonho secreto e fascinante!

Quantas zonas de luz purificante,
Quantos silencios, quantas sombras várias
De esphéras immortaes imaginarias
Fallam comtigo, ó' Alma captivante!

Que chamma accende os teus pharóes nocturnos
E veste os teus mysterios taciturnos
Dos esplendores do arco de alliança?

Porque és assim, melancholicamente,
Como um archanjo infante, adolescente,
Esquecido nos valles da Esperança?!

Cruz e Sousa.

Visionarios

Armam batalhas pelo mundo adiante
Os que vagam no mundo visionarios,
Abrindo as aureas portas de sacrarios
Do Mysterio soturno e palpitante.

O coração flammeja a cada instante
Com brilho estranho, com fervores varios,
Sente a febre dos bons missionarios
Da ardente catechese fecundante.

Os visionarios vão buscar frescura
De agua celeste na cisterna pura
Da Esperança, por horas nebulosas...

Buscam frescura, um outro novo encanto...
E livres, bellos atraves do pranto,
Fallam baixo com as almas mysteriosas!

Cruz e Sousa.

122

Demonios

A lingua vil, iguivoma, purpurea
Dos peccados mortaes baba e bravêja,
Com os seres impolluidos mercadêja,
Mordendo-os furado injuria por injuria.

É' um grito infernal de atroz luxuria,
Dor de damnados, dor do Cháos que almeja
E toda alma serena que viceja,
Só furia, furia, furia, furia, furia!

Pas peccados mortaes feitos hirsutos
Demonios máos que os venenosos fructos
Morderam com volupias de quem dana...

Vermes da Inveja, a lesma verde e obesa,
Anões da Dor torcida e cancerosa,
Abortos de almas a sangrar na lama!

Cruz e Sousa.

1944

Ódio sagrado

O' meu ódio, meu ódio magestoso,
Teu ódio santo e puro e bemfazejo,
Unge-me a fronte com teu grande beijo,
Sôfre-me humilde e torna-me orgulhoso.

Humilde, com os humildes generoso,
Orgulhoso com os seres sem Desejo,
Sem Bondade, sem Fé e sem lampejo
De sol fecundador e carinhoso.

O' meu ódio, meu lábaro bendito,
Da minh'alma agitado no infinito,
Através de outros lábaros sagrados.

O'dio santo, ódio bom! sê meu escudo
Contra os vilões do Amor, que infamam tudo,
Das sete torres dos mortais Pecados!

Cruz e Sousa.

Exhortação

Corpo crivado de sangrentas chagas,
Que através'ssas o mundo solucando,
Que as carnes vaes ferindo e vaes rasgando
Do fundo d'Illusões velhas e vagas.

Grande isolado das terrestres plagas,
Que vives as Esphéras contemplando,
Braços erguidos, olhos no ar, olhando
A Esphére a chamma das conquistas magas.

Se é de silencio e sombra passageira,
De cinza, desengano e de poeira
Este mundo feroz que te condemna

Embóra anciosamente, amargamente
Revélla tudo o que tu'alma sente
Para ella então poder ficar serena!

Cruz e Sousa.

Bondade

É' a bondade que te faz formosa,
Que a alma te diviniza e transfigura;
É' a bondade, a rosa da ternura,
Que te perfuma com perfume á rosa.

Teu ser angelical de luz bondosa
Verte em meu ser a mais subtil doçura,
Uma celeste, limpida frescura,
Um encanto, uma paz maravilhosa.

Eu affronto comtigo os vampirismos,
Os corruptos e mórbidos abysmos
Que em vão buscam tentar-me no caminho.

Na suave, na doce claridade,
No consolo de amor dessa bondade
Bebo a tua alma como ethéreo vinho.

Cruz e Sousa.

Cavador do Infinito

Com a lampada do Sonho désce afflicto
E sóbe aos mundos mais imponderaveis,
Vae abafando as queixas implacaveis,
Da alma o profundo e soluçado grito.

Ancias, Desejos, tudo a fogo, escripto.
Sente, em redór, nos astros ineffaveis.
Cava nas fundas éras insondaveis
O cavador do tragico Infinito.

E quanto mais pelo Infinito cava
Mais o Infinito se transfórma em lava
E o cavador se pérde nas distancias...

Alto levanta a lampada do Sonho.
E com seu vulto pállido e tristonho
Cava os abysmos das eternas ancias!

Cruz e Sousa.

Santos óleos

Com os santos óleos de que vens ungido
Pódes andar no mundo sem receio.
Quem veio para a Luz, por certo veio
Para ser valoroso e ser temido.

Que tudo é embalde, tudo em vão, perdido
Quando se trar esse divino anceio,
Esse doce transpórte ou doce enleio
Que deixa tudo e tudo confundido.

Alma que como a vélla chêga ao porto
Sentes melhor, consoladôr conforto
É a asa nas asas dos Archanjos tóca...

Os santos óleos são a luz guiadôra
Que vigia por ti na peregrinadôra
Terra e o teu mundo celestial evóca!

Cruz e Sousa.

Sorriso interior

O ser que é ser e que jamais vasçilla
Nas guerras immortaes entra sem susto,
Leva comsigo esse brasão augusto
Do grande amor, da nobre fé tranquilla.

Os abysmos carnaes da triste argilla
Elle os vence sem ancias e sem custo...
Fica sereno, n'um sorriso justo,
Emquanto tudo em derredor oscilla.

Ondas interiores de grandeza
Dão-lhe essa gloria em frente á Natureza,
Esse esplendor, todo esse largo effluvio.

O ser que é ser transforma tudo em flores...
E para ironisar as proprias dores
Canta por entre as aguas do Diluvio!

Cruz e Sousa.

Mealheiro de almas

Lá, das colheitas do celeste trigo,
Deus ainda escolhe a mais doirada colheita:
É a alma mais serena e mais perfeita
Que elle destina conservar comsigo.

Fica lá, livre, isenta de perigo,
Tranquilla, pura, limpida, direita
A alma sagrada que resume a seita.
Dos que fazem do Amor eterno Abrigo.

Elle quér essas almas, os puros alvos
Dos aras celestiaes, claros e salvos
Da Terra vã, cheia de espheras calmas.

Elle quér d'ellas todo o amor primeiro
Para formar o candido mealheiro
Que ha de estrellar todo o Infinito de almas.

Cruz e Sousa.

71

Espasmos...

Alma das gerações, alma lendaria
Que tens tanto de Hamlet, tanto de Ophélia,
A candidez da rórida camélia
E as lagrimas da Sêde hereditaria.

Alma dormente, tumultuosa, vária,
Accorde de harpa mysteriosa e sélia,
Virgindade selvagem de bromélia,
Alma do Eleito, do Plebeu, do Pária.

Ês a chamma do Amor, negro-vermelha,
De onde rompeu a fulgida scentelha
Que a Flor de fogo ~~perfolgerar~~ no Dante.

Com teus espasmos e delicadezas,
Nervosas e secrétas subtilezas
Enches todo este Abysmo soluçante!

Cruz e Sousa.

140

72

Evocação

O' Lua voluptuosa e tentadôra,
Ao mesmo tempo trágica e funésta,
Lua em fundo revôlto de floresta
E de sonho de vaga emballadôra.

Lanque visão mortal e seductora,
Dos [redacted] sideraes fallida gésta,
Divindade subtil da mórna sésta
Da lasciva fadiga fascinadora.

Flor fria, flor algente, flor gelada
Do desconsolo e dos esquecimentos
E do anceio, da fébre atormentada.

Tu que soluças pelos céus nevoentos
Longo soluço mágico de fada,
Dá-me os teus flocos acalentamentos!

Cruz e Sousa.

142

No seio da Terra

Do pélago dos pélagos sombrios,
Cá do seio da Terra, olhando as vidas,
Escuto o murmurar de almas perdidas,
Como o segredo murmurar dos rios.

Trazem-me os ventos negros e glaciais
Os soluços das almas doloridas
Que têm sêde das Terras prometidas
E morrem como abutres erradios.

As ancias sôbem, as tremendas ancias!
Velhices, mocidades e as infancias
Humanas entre a Dor se despedaçam...

Mas, sobre tantos convulsivos gritos,
Passam horas, espaços, infinitos,
Esphéras, gerações, sonhando, passam!

Cruz e Sousa.

Anima mea

O' minh'alma, ó minh'alma, ó meu Abrigo,
Meu sol e minha sombra peregrina,
Tur immortal que os mundos illumina
Do velho Sonho, meu fiél Amigo!

Estrada ideal de Sao Thiago, antigo
Templo da minha Fé casta e divina,
De onde é que vem toda esta magoa fina
Que é, no entanto, consolo e que bemdigo?

De onde é que vem tanta esperança vaga,
De onde vem tanto anceio que me alaga,
Tanta diluida e sempiterna mágoa?

Ah! de onde vem toda essa estranha essencia
De tanta mysteriosa Transcendencia
Que estes olhos me deixa rasos de agua?!

Cruz e Sousa.

75

Sempre o Sonho

Para encantar os círculos da Vida
É ser tranquillo, sonhador, confiante,
Sempre trazer o coração radiante
Como um rio e rosaes junto de ermida.

Beber na vinha celestial, garrida
Das estrellas o vinho flammejante
E caminhar victorioso e bovante.
Como um deus, com a cabeça enflorescida.

Sorrir, amar para alargar os mundos
Do sentimento e ha-de ter profundos
Momentos e momentos soberanos.

Para sentir entorno á terra ondeando
Um sonho, sempre um sonho além rolando
Vagas e vagas de immortaes oceanos.

Cruz e Sousa.

Aspiração suprema

Como os cégos e os mús péde um abrigo
A alma que vive a tiritar de frio!
Lembra um arbusto frágil e sombrio
Que necessita do bom Sol amigo.

Ten-ais de dor de tremulo mendigo
Oscillante, sonambulo, erradio.
E' como um tenue, crystalino fio
D'estrellas, como ethéreo e louro trigo.

E a alma aspira o celestial orvalho,
Aspira o céo, o limpido agasalho,
Sonha, deseja e anceia a luz do Oriente...

Tudo ella inflamma de um estranho beijo.
E este Anceio, este Sonho, este Desejo
Enche as Esphéras soluçantemente!

Cruz e Sousa.

77

Ineffavel!

Nada ha que me domine e que me vença
Quando ha minh'alma mudamente accórda...
Ella rebenta em flor, ella transbórda
Nos alvoroços da emoção immensa.

Sou como um Réo de celestial Sentença,
Condemnado do Amor, que se recórda
Do Amor e sempre no Silencio bórda
D'estrellas todo o céo em que érra e pensa.

Claros, meus olhos tórnam-se mais claros
E tudo vejo dos encantos raros
E de outras mais serenas madrugadas!

Todas as vózes que procuro e chamo
Ouço-as dentro de mim, porque eu as amo
Na minh'alma volteando arrebatadas!

Cruz e Sousa.

Ser dos Seres

No teu ser de silencio e d'esperança
A doce luz das Intuições flammeja.
Elle sente, elle aspira, elle deseja
A grande zona da immortal Bonança.

Pelos largos espaços se balança
Como a estrella infinita que dardeja,
Sempre isento da Treva que trabeja
O clamor inflammado da Vingança.

Por entre enlêvos e deslumbramentos
Entra na Força astral dos Sentimentos
E do Poder nos mágicos Poderes.

E traz, embóra os intimos cansaços,
Ancias secretas para abrir os braços
Na generosa communhão dos Seres!

Cruz e Sousa.

Sexta-feira Santa

Sua absynthica, verde, feitiseira,
Pasmada como um vicio monstruoso...
Um cão estranho fussa na esterqueira
Uivando para o espaço fabuloso.

É ésta a negra e santa Sexta-feira!
Christo está morto, como um vil leproso,
Chagado e frio, na feroz cegueira
Da Morte, o sangue rôxo e tenebroso.

A serpente do mal e do peccado
Um sinistro veneno esverdeado
Vérte do Morto na mudez serena.

Mas da sagrada Redempção do Christo
Em ver do Grande Amor, puro, imprevisto,
Brótam phosphorescencias de gangrena!

Cruz e Sousa

Sentimento exquisito

O' céo esteril dos desesperados,
Fórma impassivel de crystal sidéreo,
Dos cemiterios velho cemiterio
Onde dórmem os astros delicados.

Patria d'estrellas dos abandonados,
Casúlo azul do anceio vago, aéreo,
Formidavel muralha de mysterio
Que deixa os corações desconsolados.

Céo immovel milleniose milleniose,
Tu que illuminas a visão dos Genios
E érgues das almas o sagrado accórde.

Céo esteril, absurdo, céo immóto,
Far dormir no teu seio o Sonho ignóto,
Esta serpente que allucina e móde...

Cruz e Sousa.

Rua da Barroca
nº 7 –
– R. Trindade nº 17

Clamor supremo

Vem commigo por estas cordilheiras!
Põe teu manto e bordão e vem commigo,
Atravéssa as montanhas sobranceiras
E nada temas do mortal Perigo!

Sigamos para as guerras condoreiras!
Vem, resoluto, que eu irei comtigo
D'entre as aguias e as chammas feiticeiras,
Só tendo a Natureza por abrigo.

Rasga florestas, bébe o sangue todo
Da terra e transfigura em astros lodo,
O proprio lodo torna mais fecundo.

Basta traser um coração perfeito,
Alma de eleito, Sentimento eleito
Para abalar de lado a lado o mundo!

Cruz e Sousa.

Anciedade

Esta anciedade que nos enche o peito
Enche o céo, enche o mar, fecunda a terra.
Ella os gérmens puríssimos encerra
Do Sentimento limpido, perfeito.

Em jôrros crystalinos o direito,
A par vencendo as convulsões da guerra,
A liberdade que abre as asas e érra
Pelos caminhos do Infinito eleito.

-Tudo na mesma anciedade gyra,
Róla no Espaço, d'entre a luz suspira
E chóra, chóra, amargamente chóra...

Tudo nos turbilhões da Immensidade
Se confunde na trágica anciedade
Que almas, estrellas, amplidões devóra.

Cruz e Sousa.

Grande Amor

Grande amor, grande amor, grande mysterio
Que as nossas almas trémulas enlaça...
Céo que nos beija, céo que nos abraça
Num abysmo de luz profundo e sério.

Eterno espasmo de um desejo ethéreo
E balsamico dos balsamos da graça,
Chamma secreta que nas almas passa
E deixa n'ellas um clarão sidéreo.

Cantico de anjos e de archanjos vagos
Junto ás aguas sonambulas de lagos,
Sob as claras estrellas dispersido...

Sêllo perpetuo, puro e peregrino
Que prende as almas n'um igual destino,
Num beijo secundado n'um gemido.

Cruz e Sousa.

84

Silencios

Largos Silencios interpretativos,
Alocados por funda nostalgia,
Ballada de consolo e sympathia
Que os sentimentos meus tanto captivos.

Harmonia de doces lenitivos,
Sombra, segredo, lagrima, harmonia
Da alma serena, da alma fugidia
Nos seus vagos espasmos suggestivos.

O' Silencios! ó candidos desmaios,
Vácuos fecundos de celestes raios
De sonhos, no mais limpido cortejo...

Eu vos sinto os mysterios insondaveis
Como de estranhos anjos ineffaveis
O glorioso esplendor de um grande beijo!

Cruz e Sousa.

A Morte

Oh! que doce tristeza e que ternura
No olhar ancioso, aflicto dos que móssem...
De que ancoras profundas se socossem
Os que penétram nessa noite escura!

Da vida aos frios véos da sepultura
Vagos momentos trémulos decossem...
E dos olhos as lagrimas escossem
Como pharóes da Humana Desventura.

Désce então dos golphos congelados
Os que na terra vagam suspirando,
Com os velhos corações tantalisados.

Tudo negro e sinistro vae rolando
Bárathro a baixo, aos échos soluçados
Do vendaval da Morte ondeando, uivando...

Cruz e Sousa.

Só!

Muito embóra as estrellas do Infinito
Lá de cima me acenem carinhosas
E dêsça das esphéras luminosas
A doce graça de um clarão bemdito.

Embóra o mar, como um revél proscripto
Chame por mim nas vagas ondulosas
E o vento venha em colêras medrosas
O meu destino proclamar n'um grito.

Neste mundo tão tragico, tão ingrato,
Como eu me sinto fatidicamente estranho
E o amor e tudo para mim avaro...

Ah! como eu sinto compungidamente,
Por entre tanto horror indifferente,
Um frio sepulchral de desamparo!

Cruz e Sousa

1750

Fructo envelhecido

Do coração no envelhecido fructo
É só desolação e é só tortura.
O frio soluçante da amargura
Envólve o coração n'um fundo luctuo.

O phantasma da Dôr pérfido e astuto
Caminha junto a toda a creatura.
A alma por mais feliz e por mais pura
Tem de soffrer o esmagamento bruto.

É preciso humildade, é necessario
Fazer do coração branco sacrario
E a hóstia elevar do Sentimento eterno.

Ergue tudo derramar o amor profundo,
Derramar o perdão no chãos do mundo,
Sorrir ao céo e bemdizer o Inferno!

Cruz e Sousa.

Extase bhudico

Abre-me os braços, Solidão profunda,
Reverencia do céo, solemnidade
Dos astros, tenebrosa magestade,
O' planetaria communhão fecunda!

O'leo da noite, sacrosanto, inunda
Todo o meu ser, dá-me essa castidade,
As azues florescencias da saudade,
Graça das Graças immortaes oriunda!

As estrellas captivas no teu seio
Dão-me um tocante e fugitivo enleio,
Embalham-me na luz consoladôra!

Abre-me os braços, Solidão radiante,
Funda, phenomenal e soluçante,
Larga e bhudica Noite redemptôra!

Cruz e Sousa.

Os ultimos Sonetos

89

Triumpho supremo

Quem anda pelas lagrimas perdido,
Sonambulo dos trágicos flagéllos,
É quem deixou para sempre esquecido
O mundo e os fuleis européis mais bellos!

É quem ficou do mundo redimido,
Expurgado dos vicios mais singellos
E disse a tudo o adeus indefinido
E dispreendeu-se dos carnaes atthélos!

É quem entrou por todas as batalhas,
As mãos e pés de flanco ensanguentando,
Amortalhado em todas as mortalhas.

Quem florestas e mares foi rasgando
E entre raios, pedradas e metralhas,
Ficou gemendo mas ficou sonhando!

Cruz e Sousa.

Assim seja!

Fecha os olhos e morre calmamente!
Morre sereno do Dever cumprido!
Nem o mais leve, nem um só gemido
Trái a, siquér, o teu Sentir latente.

Morre com a alma leal, clarevidente,
Da Crença errando no Virgél florido
E o Pensamento pelos céus, brandido
Como um gladio soberbo e refulgente.

Vae abrindo sacrario por sacrario
Do teu Sonho no templo imaginario,
Na hora glacial da negra Morte immensa...

Morre com o teu Dever! Na alta confiança
De quem triumphou e sabe que descansa
Desdenhando de toda a Recompensa!

Cruz e Sousa.

91

Renascimento

A Alma não fica inteiramente morta!
Vagas Ressurreições do Sentimento
Abrem já, de vagar, porta por porta,
Os palacios reaes do Encantamento!

Morrer! Findar! Desfallecer! que importa
Para o secréto e fundo movimento
Que a alma transpórta, sublimisa e esphórta
Ao grande Bem do grande Pensamento!

Chammas novas e bellas vão raiando,
Vão se accendendo os limpidos altares
E as almas vão sorrindo e vão orando...

E pela curva dos longinquos ares
Eil-as que vem, como o imprevisto bando
Dos albatrózes dos estranhos mares...

Cruz e Sousa.

92

Pacto de almas

A Nestor Victor

Por devotamento e admiração.

Cruz e Sousa.

12 de Outubro de 1897.

187

93

Para sempre!

I

Ah! para sempre. para sempre! Agora
Não nos separaremos nem um dia...
Nunca mais, nunca mais, nesta harmonia
Das nossas almas de divina aurôra.

A voz do céo póde vibrar sonóra
Ou do Inferno a sinistra symphonia,
Que n'um fundo de astral melancholia
Minh'alma com a tua alma gôza e chóra.

Para sempre está feito o augusto pacto!
Cégos seremos do celeste tacto,
Ao Somno envôltos na estrellada rêde.

E perdidas, perdidas no Infinito
As nossas almas, no Clarão bemdito,
Hão de emfim saciar toda esta sêde...

Cruz e Sousa.

94

Longe de tudo

II

É livre, livre desta vã matéria,
Longe, nos claros astros peregrinos
Sul havemos de encontrar os dons divinos
E a grande paz, a grande paz sidérea..

Cá nesta humana e trágica miséria,
Nestes surdos abysmos assassinos
Vemos de colher de atros destinos
A flor apodrecida e deletéria.

O baixo mundo que troveja e brama
Só nos mostra a caveira e só a lama,
Ah! só a lama e movimentos lassos...

Mas as almas irmãs, almas perfeitas,
Hão de trocar, nas Regiões eleitas,
Largos, profundos, immortaes abraços!

Cruz e Sousa

184

95-

Alma das Almas

III

Alma das almas, minha irmã gloriosa,
Divina irradiação do Sentimento,
Quando estarás no azul Deslumbramento,
Perto de mim, na grande Paz radiosa?!

Tu que és a lua da Mansão de rosa
Da Graça e do supremo Encantamento,
Oh sacrário astral do augusto Pensamento
Velando eternamente a Fé chorosa.

Alma das almas, meu consolo amigo,
Seio celeste, sacrossanto abrigo,
Serena e constellada immensidade.

Entre os teus beijos de ethereal caricia,
Sorrindo e soluçando de delicia,
Quando te abraçarei na Eternidade?!

Cruz e Sousa.